

Diuner Mello

Há algum tempo venho utilizando o termo “Alevantados” ou “Levantados” para designar os paratienses e os moradores de Paraty. Esta expressão foi usada pelo povo angrense para designar os paratienses quando, em 1660, por revolta popular, separaram-se da Vila de Nossa Senhora da Conceição da Ilha Grande. Disseram os angrenses, então, ao Rei de Portugal, que a criação da Vila de Nossa Senhora dos Remédios de Paraty era uma insubordinação às leis e lhes diminuiria o território. Em nota de nº. 28, diz Mons. Pizarro: *“Por este motivo trataram os Ilhéus Grandes aos Paratiianos com a alcunha de = Levantados = como ainda os apelidam para a memória do fato”*.

Mas, será que somente por esta revolta caberia aos paratienses tal apelido? Parece-nos que não...
Leia na página 2.

Alevantados de Paraty

Veja o vídeo em www.youtube.com

Exposição sobre o movimento Comunitário de Paraty

Paraty - 341 anos de emancipação política

Fórum DLIS Paraty Apoio
Dia: 31 de março às 18:00
Local: Casa da Cultura

ASSOCIAÇÃO CAIRUÇU

I Semana da Cultura de Paraty - Formação Política
COMAMP- Oito anos do Movimento Comunitário de Paraty
O desenvolvimento de Paraty o impacto em sua cultura,
Associação Cairuçu e o movimento comunitário

Pág.2

Pag.3

Pag.4

CAMINHO DO OURO
GASTRONOMIA
Culinária Contemporânea
Rua do comércio s/n- anexo Pousada do Sandi
Tel: (24) 3371-2100

auto center DANIEL
BRIDGESTONE Firestone
Tel-(24) 3371-1309
Av. Roberto Silveira, 390
Centro- Paraty -RJ
E-mail : autocenterdaniel@uol.com.br

Restaurante
Ilha Rasa
WWW.Ilha.paraty.com
Tel. (24)99469896 - 99081813

SHAMPOO
Caspiol
Mata piolho e combate caspa
Produto Natural Tel.: 3371 9082

PARATY tenta car
Onde é fácil alugar um carro!
Tel:3371 0019 - Id 55*24*36737

Imperial
MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO
Produtos de qualidade
Bons Preços
Bom atendimento
Av.Roberto da Silveira nº 87-Chácara
Tels.:3371-2300/2202/1433/1247

CASA KEMPESCA
Apóia as iniciativas da Rede de Desenvolvimento Local de Paraty
Tintas Imobiliárias e Automotivas
Rua Manoel F. Dos Santos Pádua
Parque Imperial Tel (24) 3371-1281

MARCONI MADEIRAS
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
Preços Imbatíveis
INFIBRA
Ferragens - Azulejos - Hidráulica
Elétrica - Louças - Telhas - Metais
Rua do Areal-318 Telfax:(24)3362-0955
Perequê - Angra dos Reis

MARUPIARA LTDA
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
1979 - 2007
28
ANOS
Construindo Paraty
TRADIÇÃO SE CONQUISTA COM QUALIDADE
Tel.: (24) 3371-1179
Fax: 3371-2177
Av. Roberto da Silveira, 41 - Centro-Paraty - RJ

I Semana da Cultura de Paraty

André Goes

Após ter sido escolhida pelo Ministério do Turismo como referência em turismo cultural no Brasil, Paraty vive um momento de grande agitação cultural, principalmente no que se refere à sua organização e articulação política.

Um evento que certamente marcará o início deste processo foi a I Semana da Cultura de Paraty, realizada de 13 a 15 de fevereiro, com o objetivo de elaborar e discutir o panorama cultural da cidade. A iniciativa partiu da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em parceria com a Associação Casa Azul.

No primeiro dia do evento, mais de 20 representantes de entidades ligadas direta ou indiretamente à produção cultural local, apresentaram uma síntese dos seus trabalhos e seus projetos futuros. Ana Lúcia Pardo, ouvidora do Ministério da Cultura no Rio de Janeiro, discorreu no segundo dia sobre Sistema e Política Nacional de Cultura e sobre os Programas do Ministério da Cultura. Muito interessada e bastante participativa, a platéia presente no terceiro e último dia do evento recebeu informações importantes dos palestrantes das universidades do Rio de Janeiro. “Mercado Cultural” e “Desenvolvimento de Projeto Cultural para Lei de Incentivo Federal de Cultura” foram os temas de Manoel Marcondes, da UERJ e de Isabel Alencar”, da UFRJ, respectivamente.

No fechamento dessa primeira semana da cultura, ficou evidente a necessidade de uma melhor organização das entidades culturais locais assim como uma articulação política que coloque em prática o conceito da transversalidade, ou seja, que os três níveis de governo (municipal, estadual e federal) atuem em conjunto com os agentes culturais locais e com o meio acadêmico (universidades estaduais e federais). Só assim as muitas demandas existentes poderão se converter em ações concretas.

Duas dessas demandas foram apontadas como fundamentais por unanimidade entre os participantes: a realização da I Conferência Municipal de Cultura e a criação do Conselho Municipal de Cultura. Constituiu-se então uma comissão com o objetivo de consultar pessoalmente o Prefeito Municipal de Paraty se há uma vontade política para que estas demandas sejam convertidas em ações. A comissão foi composta por representante da Associação Casa Azul, Comitê Executiva Pró-Unesco, Teatro Espaço, Associação de Moradores do Campinho, Silo Cultural, Secretaria de Turismo e Cultura e Nhandeva.

Formação Política Os alevantados *

Rodrigo Rocha

Diuner Mello



Rodrigo Rocha Coordenador PDA e Georgethon Melo economista da Fundação Oswaldo Cruz, facilitador I módulo



A criação do COMAMP reflete um alto nível de organização das comunidades e se configura como uma referência de participação social dos indivíduos, se não na formulação, pelo menos na fiscalização das políticas, além é claro da articulação das comunidades. De certa forma, podemos dizer que o COMAMP é uma espécie de parlamento popular. O poder público local deveria considerar um privilégio poder contar com apoio das comunidades na formulação das políticas públicas locais.

Além do COMAMP o Fórum DLIS também reflete o nível de organização das comunidades, sobretudo quando se considera a duração deste Fórum que já tem oito anos de existência e continua sendo um importante instrumento de mobilização e participação social no município.

O projeto PDA é a continuidade de ações que vêm sendo executadas na região desde o final dos anos 80, mas que foram intensificadas a partir de 1998, quando as comunidades começaram a se apropriar da tecnologia social dos projetos. Neste momento os projetos passaram a ter mecanismos de controle social. O PDA foi debatido com as bases e as ações que estão sendo desenvolvidas foram priorizadas pelas comunidades, dentro de um conjunto de ações setoriais que podiam ser apoiadas pelo programa. O COMAMP participou ativamente da elaboração do projeto e está exercendo um papel fundamental implementação das ações e no monitoramento e avaliação de resultados.

Uma das áreas estratégicas que o projeto PDA aborda é a questão da organização e empoderamento das comunidades. Neste momento está acontecendo o curso de formação política de lideranças, cuja finalidade é contribuir na formação e atualização de pessoas envolvidas com o movimento comunitário. O curso estimula a participação comunitária e contribui na análise de assuntos complexos que dizem respeito à vida das comunidades.

Nas “Providências Administrativas da Villa da Paraty, Capitania do Rio de Janeiro, 1805” o Ouvidor Geral José Antonio Valente se refere a uma outra revolta popular que aqui criara a vila e que em 1644 (ou 1654) “...aos 26 de Julho restituída pelo Ouvidor Geral, João Velho de Azevedo no limites de obediência à Ilha Grande, de que se tinha esquivado”.

Temos até aí duas insubordinações. Parece-me também, que a substituição do antigo Padroeiro, São Roque, por Nossa Senhora dos Remédios foi uma insurreição contra a vontade dos primeiros moradores, que haviam colocado o povoado sob a proteção daquele santo, já que não é comum a troca de padroeiros.

É interessante notar que os movimentos revolucionários que culminaram com a criação da Vila de Paraty coincidem com a proibição da produção e comércio de aguardente no Brasil pelo Rei de Portugal. Estas proibições datam de 1635, 1647, 1659 e 1660-61 e que dão origem à Revolta da Cachaça. Nesta revolta, os proprietários de aguardente depuseram o Governador do Rio de Janeiro e assumiram o governo da província. O povo de Paraty, aproveitando-se da desordem então reinante, liderados pelos muitos proprietários de alambiques locais, se fizeram vila por vontade própria, sem autorização real, porém o município foi criado por Carta Régia de Dom Afonso VI, em 28 de fevereiro de 1667.

Por volta de 1710, Portugal proíbe que se utilize a Estrada Real de Paraty para o transporte do ouro das Minas Gerais. Em 1715, o povo de Paraty requer ao rei e consegue que seja liberado de novo o uso da referida estrada.

Mais adiante, em 1720, Paraty foi anexada à Capitania de São Paulo. De novo, “...representaram os oficiais da Câmara a El-Rei os inconvenientes, que por isso sofriam, e conseguiram a Resolução de 8 de Junho de 1727 a Ordem de 16 seguinte, em virtude da qual ficou a Vila não só na Jurisdição da Capitania do Rio de Janeiro, mas incorporada a este Governo...”

No final do Século XVIII, em 1789, a Inconfidência Mineira teve a participação do médico paratiense Salvador Carvalho do Amaral Gurgel. Joaquim José da Silva Xavier, O Tiradentes, em sua vinda para o Rio de Janeiro, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, trazia uma carta de apresentação a um paratiense, tio daquele médico, no propósito de arregimentar paratienses para a revolta pretendida que, como sabemos, foi frustrada.

Não sabemos de atos de revolta no Século XIX, porém o Século XX foi palco de não poucos movimentos populares de insubordinação.

Na década d 1960 a localidade de Trindade levantou-se e resistiu

bravamente a uma empresa americana que, comprando a área, pretendeu e ameaçou tirar de lá seus moradores. Unidos, moradores, paratienses e simpatizantes da causa, enfrentaram a Companhia que não conseguiu seu objetivo. A Trindade continua dos trindadeiros.

Na década seguinte, tentaram instalar um camping no areião do Pontal, de frente para a lateral da Santa Casa. A área cercada revoltou a população que, unida, derrubou as cercas, queimou os moirões e reapossou-se do espaço, obrigando o governo a reconhecer aquele lugar como área pública, “non aedificandi”

Vários foram também, na mesma época e anteriormente, os movimentos por um plebiscito em que os paratienses decidissem se queriam continuar fluminenses ou pertencer ao Estado de São Paulo. Não se efetivou o plebiscito, mas o movimento obrigou o Governo de nosso estado a olhar melhor por Paraty. Houve ainda a tentativa de um plebiscito que criava o município Ulisses Guimarães, que desmembraria parte do município de Paraty (Tarituba e Batangüera), cuja intenção não vingou, diante da revolta da comunidade local.

Muitas e diversas foram as revoltas de moradores contra os proprietários de terras que delas queriam desalojá-los: Praia do Sono, Trindade (já citada), São Gonçalo, Tarituba, Taquari, Barra Grande, São Roque, Martim da Sá, Ilha das Cobras, Mangueira e tantos outros. Uns foram inteiramente vitoriosos, outros em parte e outros derrotados.

Paraty, um porto aberto, guarda tradicionalmente a característica de acolher e abrigar com dignidade e respeito os que a ela chegam; no entanto, outros movimentos revolucionários acontecerão e, diante dos fatos acima citados, é de se acreditar que o paratiense se “levante” novamente com força e coragem que, se adormecidos hoje, são brasas cobertas de cinzas que se transformarão em fogueira ao sopro das tentativas de se lhe ocuparem o espaço indevidamente.

Historicamente somos “Alevantados” sim, mesmo que aparentemente “dormindo em berço esplêndido”.

* *Revolucionário, Insubordinado, insurrecionário*

Bibliografia:

Pizarro e Araújo, Memórias Históricas do Rio de Janeiro.

Fagundes, Ernani, A Revolta da Cachaça.

Ribas, Marcos Caetano, A História do Caminho do Ouro em Paraty. Gurgel, Heitor e Amaral, Edelweis, Paraty, Caminho do Ouro.

Agradecimentos especiais a João José da Silva Júnior, por me presentear com o artigo Revolta da Cachaça. Maria José S. Rameck, por suas sugestões e revisão do texto.



Produzido e Editado por Publicação Editoração e Comunicação PCE Ltda M.E. - CNPJ 00744509/0001-49 - Estrada da Gávea, 847/Lj. 110 - São Conrado - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22610-000 Tel. : (24) 3371-9082 (21) 8797-4629; E-mail: flitoral@paratyweb.com.br
Jornalista Responsável, Diagramação e Editoração Eletrônica: Carlos Dei - Reg. MTb RJ 15.173; deiribas@gmail.com Tiragem: 3.000 exemplares
Transcrições- Armando França e Solange Neves

COMAMP- Oito anos do Movimento Comunitário de Paraty



A idéia de se formar um Conselho das Associações de Moradores de Paraty originou-se espontaneamente dentro da própria comunidade, com o objetivo de resolver problemas comuns nas áreas de saúde, educação, meio ambiente e saneamento básico, quando percebeu-se que o caminho para alcançar este objetivo, baseado nos conceitos de desenvolvimento local sustentável, seria a integração das comunidades e a implantação do orçamento participativo no município.

O primeiro passo foi dado em plenária realizada na associação de moradores de São Roque, em fevereiro de 2000, com o objetivo de se discutir a criação do Comamp e apresentar uma minuta do estatuto. Passado um mês, nova plenária aconteceu no Cembra com os objetivos de se discutir e alterar a minuta do estatuto e definir a data para realização do I Congresso. O ponto marcante do evento foi a definição, por maioria absoluta, de que a política do conselho seria apartidária.

O I Congresso Municipal das Associações de Moradores de Paraty, em maio de 2000, com a presença de 400 pessoas, aprovou o estatuto, elegeu a 1ª diretoria e definiu a missão, as políticas e metas do Conselho. Estava fundado oficialmente o COMAMP regido pelo seguinte "slogan": Vamos Salvar nossos quintais!

Dois anos após, o COMAMP realizou sua II Convenção com cerca de 150 presentes. Nova diretoria tomou posse e foram aprovadas as diretrizes da nova gestão para os próximos dois anos, como resultado de ampla discussão nos três grupos de trabalho: Educação, Agroecoturismo e Saúde e Saneamento básico. Em julho de 2004, cumprindo os compromissos estatutários de renovação natural, o Comamp realizou a III Convenção. Sob os olhares atentos de 200 pessoas, pela primeira vez na história do município de Paraty, o Comamp apresentou aos candidatos a prefeito um Plano de Governo feito pelas Associações de Moradores as demandas das comunidades para o quadriênio 2005-2008.

Opiniões

Benedito Mello (Dedé) - Em

maio de 2000 tivemos a oportunidade de apoiar e participar da fundação do Comamp. Daquela época para cá, nós podemos perceber que o movimento de associações cresceu... e eu tenho conversado com algumas pessoas, ... a gente pode ver que Paraty virou referência no cenário estadual ... e pode dizer até no cenário nacional quando se trata de organização comunitária para obter serviços e obras de interesse de nossa comunidade. Infelizmente nós podemos perceber que ainda não conseguimos implantar em nosso município o orçamento participativo, que a gente já naquela época gostaria de ter implantado, mas apesar disso as associações têm sido ouvidas, em alguns governos mais, em outros governos, menos, mas é importante que elas não esmoreçam, porque as associações representam os interesses legítimos de toda uma comunidade.

Plano de Governo das Comunidades - Algumas demandas foram atendidas, agora eu acredito que haja necessidade de uma revisão desses pleitos para realinhar as prioridades para que os governos municipais possam atender plenamente a essas reivindicações.



Domingos Ramos dos Santos (Presidente da Associação Cabral) - O que eu acho de bom foi que os políticos tiveram que ficar mais, se manter mais firmes com a comunidade. Tiveram que dar mais atenção às comunidades, porque antes só prometiam não compareciam. Hoje o prefeito sempre aparece nas comunidades e de todos os vereadores, já aparecem alguns. Foi muito importante a criação do Comamp, sem ele as associações não seriam nada....



Wagner do Nascimento (Presidente da Associação do Campinho) - O Comamp é muito importante para fortalecer as comunidades através da avaliação crítica das ações que são implementadas no município. É uma forma de mostrar para o executivo, para as lideranças políticas do município os investimentos e as ações feitas dentro da nossa comunidade. A idéia do Plano de Governo das Comunidades com certeza é muito importante, apesar de algumas ações realizadas, ainda tem muita coisa para fazer... e o cumprimento deste Plano ficou muito a desejar....



Francino Pires (atual presidente da Associação da Barra Grande - Sempre acreditei, no movimento comunitário, sou um dos fundadores do Comamp, talvez o Conselho mais importante do município. Serve para orientar, para dar norte às ações do governo, embora ainda não seja muito respeitado pelos gestores públicos, mas de modo geral o Conselho é fundamental para melhoria do município de Paraty.

Plano de governo das Comunidades É fundamental, só que precisa sair do papel, pois ele vai ao encontro com a necessidade das comunidades...que estão lá sofrendo com a questão da água, da educação, da saúde, essas coisas... As comunidade precisam ser melhor ouvida pelos gestores municipais.



Chico Fernandes (Associação de São Gonçalo) - Os movimentos comunitários são importantes, em Paraty em um processo que vem crescendo e amadurecendo naturalmente, mas devido ao esforço de algumas lideranças não perdemos o fio da meada, graças ao Plano de Governo das Comunidades - que nós vamos aprimorar com o tempo, como tudo, né...



Joaquim Bittencourt (presidente do Comamp) - Bom, eu acho que o movimento comunitário está avançando. Não no ritmo que a gente imaginava que fosse possível, mas é uma conquista que está sendo bem construída e a gente está aprendendo a subir os degraus, um de cada vez. As comunidades estão participando bastante, discutindo os assuntos relevantes para que o município se torne sustentável.

O Plano de Governo das Comunidades envolve tudo isso, um desenvolvimento sustentável que a comunidade está buscando e está conseguindo resolver dentro delas mesmas algumas coisas. Mas a gente gostaria de ter um diálogo melhor com o poder público, porque é isto que está faltando... Acredito que está faltando um pouco mais de amadurecimento, mesmo porque o Conselho da Apa do Cairuçu e o Conselho da Reserva dos Tamoios foram criados muito recentemente e a gente está ainda neste processo de formação destes, mas a sociedade civil tem participado e isso é um ponto favorável.



Vagno Martins da Cruz (Associação de S. Gonçalo) - Participo do movimento comunitário há 10 anos. Com certeza o Comamp em determinados momentos na cidade de Paraty assumiu uma liderança muito grande nas decisões para o município buscando integrar o executivo e legislativo com a participação popular.

O Plano de Governo das Comunidades é discutido pelas comunidades e é repassado para os poderes executivos, legislativos... mas infelizmente o processo de construção da participação popular ainda não está consolidado em Paraty, precisamos aprender muito, precisamos evoluir, porque todos esses interesses são da população de Paraty e não são os interesses que estão na cabeça dos nossos governantes.



Marcelo Braga Peçanha (Chefe da APA do Cairuçu) - Acho que o papel do Comamp é

de extrema importância na estruturação e reorganização das Associações de Moradores. É difícil a gente encontrar um município que tenha essa figura de supra-associações, de coordenação das associações, é um papel importantíssimo, tanto que é o nosso parceiro preferencial de comunidade no conselho, embora o conselho da APA tenha cadeira para todas as associações de moradores de dentro da APA.



Jadison dos Santos (Associação da Praia do Sono) - Hoje o Comamp é o melhor movimento de Paraty, porque você fica totalmente desinformado e se não tiver o Comamp para te auxiliar, para saber das agendas de reuniões, de encontros e tudo mais...é uma parceria forte e não pode deixar esse movimento acabar.

O Plano de Governo das Comunidades não foi implantado... e só será se as comunidades chegarem junto ao poder público.



Maria Risoneide (presidente da Associação de São Roque) - Particpei da fundação do Comamp, e um grande exemplo da importância deste Conselho foi a criação do médico de família e a conquista da titulação da terra pela comunidade de São Roque. O Plano de Governo das Comunidades foi muito bem feito, muito bem elaborado, mas precisa ser colocado em prática, apesar de algumas prioridades terem sido atendidas, faltam os políticos verem com mais carinho e colocarem em prática as que não foram realizadas.



Edilson Marcelino (Turcão) - Eu tive a felicidade de quando estava nascendo o Comamp também estava nascendo a associação do meu bairro Corumbê, onde eu fui presidente por três mandatos consecutivos. Graças ao convívio com outros presidentes de associações e ONGs, propiciado pela articulação do Comamp pudemos compreender melhor o significado de Desenvolvimento Sustentável e passar para a comunidade que não tinha noção de plano de governo e a partir do Comamp ela começou entender melhor o orçamento municipal.



Lídia Furtado (Ex-diretora do Comamp) - A criação do Comamp, no meu entender, foi um grande marco dentro da história de Paraty para o movimento comunitário. Porque na época, quando começamos, tinham nove associações e quando ... quando eu saí do Comamp, já haviam 43. E associações e conselhos todos formados de fato com diretoria, com CNPJ, ata, estatutos, essas coisas todas... Agora não sei se na verdade elas continuaram caminhando de uma forma organizada...



Ações comunitárias em Paraty mudando o olhar

Nas cidades, bairros e em pequenas comunidades em todo o mundo existe um movimento crescente focado no cidadão. Esse movimento é reflexo de uma nova percepção da realidade por produzir o futuro comum. Neste sentido, está ficando claro que as pessoas, em todos os lugares, deverão tomar a iniciativa pelas responsabilidades de seu futuro. E muitas delas estão assumindo este papel através do envolvimento em organizações comunitárias que visam a mobilizar a sociedade em torno de situações cotidianas da vida social. Desenvolvimento comunitário implementado a partir das potencialidades existentes nas comunidades e na colaboração faz com que os trabalhos tenham mais êxito e aprendizado para criação de um alicerce sólido para a democracia. E é exatamente nesse sentido que se dá a experiência desenvolvida em Paraty, através de ações como do Comamp, Fórum DLIS e Conselho Consultivo da APA Cairucu, numa relação que envolve as três esferas da sociedade: o Estado, a iniciativa privada e a sociedade civil. São experiências que valem a pena conhecer e vivenciar. Entretanto, vale dizer que se as pessoas de nossas comunidades, alvo de nosso trabalho, não estiverem ativamente envolvidas no processo completo das ações comunitárias, que vai da análise da realidade até a construção de um plano de trabalho, estaremos trabalhando para as comunidades e não com as comunidades. Poderemos estar até fazendo um bom serviço, mas será um trabalho que cria pessoas mais dependentes do que cidadãs; estaremos perdendo a chance de construir cidadania, de deflagrar um processo que possibilite a essas pessoas e suas comunidade se transformarem, por elas mesmas, em verdadeiros cidadãos.

Portanto, é preciso estar sempre atento para que as comunidades não se sintam desoneradas de suas obrigações na busca de soluções para os problemas que as afligem. Logo, são as organizações comunitárias, de maneira individual ou coletiva, que podem ajudar a encontrar com maior facilidade as soluções para estes mesmos problemas. Não temos dúvidas de que as comunidades, devidamente organizadas são os melhores agentes de sua própria transformação. E, por isso, é preciso articular as ações que vêm sendo desenvolvidas em Paraty, de maneira que cada instituição, com sua particularidade e sua parcela de responsabilidade sócio-ambiental, faça a sua ação específica, aquilo que lhe é próprio, mas que observem a possibilidades de ações conjuntas, onde uma complementa a outra. É como numa construção: o tijolo será sempre tijolo, a massa será massa, o azulejo será azulejo, a telha será telha e a viga será sempre a viga, assim como o caibro será caibro e a tinta dará "apenas a cor". Mas todos estes elementos estarão de tal maneira articulados que, no seu conjunto, formam uma bela casa. É assim, juntos, que poderemos transformar nossa realidade, colaborar na construção de uma cidade mais justa, cujas relações estejam centradas na cultura da paz.

Marcelo Guimarães

O desenvolvimento de Paraty O impacto em sua cultura

Afonso Getúlio Zucarato

(Mestre em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi)

Paraty manteve fraco desenvolvimento econômico até o final da década de 1960, sobrevivendo de uma economia de subsistência, da pesca artesanal e de pequena produção de aguardente. Esse semi-isolamento involuntário até o início dos anos de 1970 foi responsável, segundo o paratiense Diuner Mello (1994), pela preservação não só da estrutura arquitetônica urbana como de seus usos e costumes e do ambiente natural. Com a inauguração da Rodovia Rio Santos (BR-101), em 1974 da-se início também a uma nova lógica do ordenamento territorial e o ir-e-vir da população nativa, com o afluxo turístico e o aporte de fortes interesses imobiliários, motivando mudanças no uso e ocupação do solo e rompendo o modo de vida tradicional, principalmente dos caiçaras que são afastados de suas tradicionais vilas de pescadores, que dão lugar a condomínios de luxo e esses vão morar "num lugar que a gente chama de não-lugar e não-memória. Por que não tem memória? Porque nos mapas de Paraty eles não existem." (BARROS 2001, P.109). Também deixam a agricultura de subsistência e pesca artesanal para trabalhar em áreas ligadas ao turismo pousadas, restaurantes, bares, barcos de passeios ou nos condomínios como faxineiros, jardineiros, seguranças, etc.

Desta forma, pode-se observar que o modelo de desenvolvimento que chegou a Paraty, a partir dos anos de 1970, provocou e continua provocando um profundo sentimento de desenraizamento de suas comunidades tradicionais, deixando o "homem" pendurado no vazio uma vez que "o homem é um animal territorial. Ele precisa de sentido, de direção, necessidade fundamental do homem situado no tempo e no espaço e no imaginário". (ZAOUAL, op.cit, p.100).

Os modelos de desenvolvimento adotados em diversas regiões do planeta, que sob o julgo de um modelo único, predatório com relação aos recursos naturais e destruidor da diversidade cultural, têm mostrado debilidade e fracassado no cumprimento, em muitos casos, de seus objetivos econômicos e sociais, por impor às populações formas de progresso e de organização social sem considerar as particularidades territoriais, a diversidade cultural e os valores locais. Tais aspectos são observados no modelo e no processo de *turistificação* que ocorre em Paraty.

Assim, não é por acaso que as tendências da economia e do gerenciamento contemporâneo estejam evoluindo de forma consistente, para o compartilhamento do conhecimento e o fortalecimento do capital humano e social. O processo de planejamento participativo ou ferramentas semelhantes como o Fórum DLIS, são demonstrações evidentes de que as comunidades locais possuem uma história, uma memória e um território, e que, o conhecimento que têm de seu meio pode e deve ser usado como ponto de partida para buscar soluções de desenvolvimento que incorporem ao mesmo tempo o conhecimento gerado pela modernidade. Esse somatório pode dar as bases não somente para a sustentabilidade econômica dessas localidades, mas certamente também contemplará os aspectos sociais, culturais e a preservação ambiental.



Projeto Criadouro

www.institutoarrudabotelho.org.br

Regulamentado pelo IBAMA desde 1993, o Projeto Criadouro Conservacionista da Fazenda São José iniciou sua criação com três espécies em extinção na fauna brasileira: o cervo-do-pantanal, a harpia (gavião real) e a arara vermelha. Hoje, a ação já conta com um plantel composto por 26 espécies entre aves, mamíferos e répteis.

Recentemente, o projeto conseguiu mais uma grande vitória: o nascimento de quatro filhotes de lobo-guará, espécie que compõe a lista de animais ameaçados, vítima da caça predatória. Além disso, seu habitat natural (predominantemente campos e cerrados do Centro-Oeste do Brasil) vem sendo reduzido pela agricultura e pela urbanização e os animais são periodicamente atingidos pelas queimadas. Com o sucesso da criação de lobos-guará, a Criadouro Conservacionista da Fazenda São José faz parte hoje do Grupo de Estudos de Canídeos Sul Americanos e participa do programa internacional de conservação da espécie em cativeiro, o Studbook Internacional, sediado em Frankfurt/Alemanha. No Brasil realiza intercâmbio de lobos-guará entre instituições, enviando animais nascidos no Criadouro, como o exemplo recente do envio de filhotes para o Zoológico de Sacuaia do Sul, em Porto Alegre/RS. Além disso, entre os diferenciais e as principais ações do Projeto estão: A participação no programa de recolocação de 20 emas na Estação Ecológica de Caiuá, no Paraná, nascidas na Fazenda São José e que já estão reproduzindo na natureza; Um dos maiores grupos de cervos-do-pantanal já mantidos em cativeiro, participando inclusive do Plano de Manejo para Conservação de Cervídeos Brasileiros; Disponibiliza para pesquisa de comportamento reprodutivo um dos maiores viveiros para harpias do Brasil, incluindo a postura e incubação desta espécie que desempenha papel fundamental para o equilíbrio da fauna brasileira; Mantém pura e viável população da espécie em extinção de mutuns-de-penacho, conservando seu banco genético; Além de outros projetos com macacos prego; diferentes espécies de araras e papagaios, jabotis, veados catigueiros, tucanos toco, urumutum, entre outros.

Paralelamente a suas atividades de preservação e reprodução de espécies, o Criadouro mantém um programa regular de visita monitorada de escolas do primeiro e segundo graus, proporcionando aos alunos uma verdadeira aula de educação ambiental ao ar livre.